

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 06 de março de 2019 às 09h17
Seleção de Notícias

O Estado de S. Paulo | BR

ABPI

Mapa de obstáculos	3
<small>NOTAS & INFORMAÇÕES</small>	

BOL - Notícias | BR

03 de março de 2019 | Propriedade Intelectual

Opinião: Nova Guerra fria envolve controle de tecnologia de ponta	5
---	---

Mapa de obstáculos

NOTAS & INFORMAÇÕES

A revista Pesquisa, editada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), publicou em seu último número uma importante análise feita pela Associação Brasileira da **Propriedade Intelectual (ABPI)** sobre o ambiente produtivo no Brasil. Com o título **Propriedade intelectual, inovação e desenvolvimento: Desafios para o Brasil**, o estudo mostra que as universidades públicas e os inventores individuais continuam desempenhando um papel relevante no **registro de patentes** entre nós, enquanto nos países desenvolvidos esse protagonismo é feito pelas empresas privadas. Na prática, isso significa que as empresas brasileiras inovam pouco.

Coordenado pelos professores Antonio Marcio Buainain, da Unicamp, e Roney Fraga Souza, da Universidade Federal de Mato Grosso, o estudo também mostra que os pedidos de **registro de patente** no Brasil continuam demorando muito tempo para serem avaliados: cerca de dez anos, em média. Mostra, ainda, que eles vêm crescendo num ritmo muito mais lento do que nas economias emergentes, justamente as que competem diretamente com a indústria brasileira no mercado mundial. No final da década de 1970, por exemplo, o número de **patentes** de origem brasileira depositadas nos Estados Unidos era três vezes superior ao da Coreia do Sul. Em 2013, a Coreia do Sul depositou 43,5 vezes mais patentes que o Brasil.

Segundo o trabalho, as patentes brasileiras estão concentradas basicamente nos setores tradicionais da economia, como a construção civil e a produção de máquinas para os segmentos de petróleo, eletricidade e agronegócio. "Aos poucos, estamos nos consolidando como um produtor de commodities,

posição claramente incompatível com as condições socioeconômicas e demográficas do País. O Brasil parece fora da nova economia e não aparece com relevância em nenhuma das áreas-chave da chamada indústria 4.0, em que a produção é fortemente automatizada e ligada à internet", afirma Buainain.

Depois de analisar 4 milhões de currículos acadêmicos na plataforma Lattes, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o estudo identificou 15.607 pesquisadores atuantes no campo da propriedade intelectual. Eles já registraram 27.837 pedidos de patente e tiveram 10.552 patentes concedidas. Desse total de pesquisadores, 84,5% têm produtividade considerada elevada nos meios científicos, com uma média de 27 artigos publicados em revistas científicas mundialmente respeitadas. Os pesquisadores de perfil acadêmico são responsáveis por dois terços das patentes concedidas no País. As inovações e invenções dos pesquisadores acadêmicos têm justamente como base o conhecimento e a experiência por eles acumulados em suas carreiras universitárias. Entre os pesquisadores que já registraram patentes no Instituto Nacional da Propriedade Intelectual (**Inpi**), 73% trabalham em instituições de ensino superior e menos de 10% atuam em empresas privadas. Segundo a **ABPI**, o avanço da proteção à propriedade intelectual nas universidades resulta da disseminação de núcleos de **inovação tecnológica** encarregados de identificar resultados de pesquisa com interesse comercial e buscar licenciamento com empresas.

Ao analisar o impacto do advento das redes abertas de conhecimento sobre os mecanismos jurídicos de proteção à propriedade intelectual, o estudo destaca a importância da regulamentação da nova legislação

Continuação: Mapa de obstáculos

sobre ciência, tecnologia e inovação no País. E também sugere que se valorize o uso da chamada **indicação geográfica**, que é empregada em muitos países para agregar aos produtos atributos como procedência e cultura de uma região. Em 2018, o **Inpi** tinha apenas 49 indicações de procedência,

envolvendo café, queijos, vinhos e aguardentes. Atual e oportuno, o trabalho da **ABPI** dá a dimensão dos desafios que o País tem de superar para passar a níveis mais sofisticados de produção e aumentar sua inserção na economia mundial.

Opinião: Nova Guerra fria envolve controle de tecnologia de ponta

Na segunda metade do século XX, a competição estratégica era nuclear. Uma corrida aos armamentos atômicos para ameaçar o inimigo com uma destruição total. Só que qualquer conflito nuclear só podia acabar mal: a destruição mútua e junto com ela a do mundo inteiro.

Na segunda metade do século XX, a competição estratégica era nuclear.

Foi preciso inventar regras e tratados para controlar essa loucura e se precaver contra possíveis acidentes e erros de percepção. A solução foi tentar impedir a proliferação desses arsenais mortíferos e garantir que não seriam utilizados. Só serviriam como instrumento de dissuasão: o famoso "equilíbrio do terror". Essa estratégia no fio da navalha funcionou bastante bem.

Os Estados Unidos perderam a guerra do Vietnã sem usar seus bombardeiros atômicos. A União Soviética perdeu a Guerra Fria sem apelar para um só tiro do seu imenso arsenal. Recentemente, Índia e Paquistão se enfrentaram mas deixaram suas armas atômicas no armário. Os foguetes da China e da Coreia do Norte ameaçam os Estados Unidos, mas só servem para garantir a sobrevivência de seus regimes. Hoje, as guerras são brutais e localizadas, mas ninguém pensa em usar armas atômicas. O que conta mesmo são as armas convencionais cada dia mais sofisticadas.

Hoje, o enfrentamento das grandes potências passou para o teatro estratégico das novas tecnologias da informação e comunicação. Não é só por causa dos armamentos, mas sobretudo, porque a maneira que o mundo tem de produzir, consumir e comunicar também depende agora do ciberespaço. Quem vai dominar esta nova realidade, eis a questão. Na verdade, a queda de braço entre Donald Trump e Xi Jinping tem pouco a ver com os déficits comerciais

americanos, as tarifas aduaneiras ou a taxa de câmbio do yuan.

China entendeu o jogo

A nova Guerra Fria é para saber quem vai controlar as regras e o desenvolvimento das novas tecnologias de ponta, essenciais para o poder econômico e político do século XXI. A China entendeu perfeitamente o jogo: há anos ela vem roubando a alta tecnologia americana e europeia. As empresas estadunidenses e europeias que querem entrar no mercado chinês são obrigadas a partilhar suas tecnologias mais secretas com parceiros locais - o que é absolutamente proibido pela OMC.

Mas há um lado mais sombrio: utilizar a Internet para entrar no sistema de computadores das empresas e agências ocidentais para furar avanços tecnológicos e desenhos técnicos. Na Europa e nos Estados Unidos, empresários e dirigentes políticos finalmente tomaram consciência do perigo. As negociações comerciais entre Pequim e Washington podem até se resolver com uma maior abertura comercial do mercado chinês e a redução do déficit comercial. Mas o ponto crucial - longe ainda de ser atingido - seria a proteção da **propriedade intelectual** e um acordo vinculante que permita reduzir seriamente o roubo de tecnologia.

Conflito de poder entre potências vão dominar o século XXI

Nesse conflito de poder entre as potências que vão dominar o século XXI, o problema mais urgente é sem dúvida a instalação da nova rede de comunicação 5G. A robotização generalizada, a internet dos objetos, e sobretudo o desenvolvimento rápido da Inteligência Artificial dependem da 5G. E Trump já fala em 6G! Quem conseguir dominar a 5G se tornará a superpotência do futuro: aquela que definirá as regras e

Continuação: Opinião: Nova Guerra fria envolve controle de tecnologia de ponta

os conteúdos da nova globalização e das novas maneiras de viver e produzir. E que poderá também manter uma imensa superioridade em termos de armamentos e ciberguerra.

Por enquanto, só duas empresas chinesas (a ZTE e a Huawei) e duas europeias (a Ericsson e a Nokia) tem condições de instalar rapidamente redes de 5G. Nenhuma empresa de telecomunicações, no mundo in-

teiro, tem dinheiro e know-how para isso. Trump já fala até em construir uma rede 5G com dinheiro público para evitar cair nas mãos dos chineses. E os europeus já estão estudando a maneira de financiar e desregulamentar o mercado comum para ajudar a 5G europeia sem precisar da China. A guerra de amanhã já começou.

Índice remissivo de assuntos

ABPI

3

Propriedade Intelectual

3, 5

Denominação de Origem

3

Inovação

3

Marco regulatório | INPI

3

Patentes

3